

Copycat

Adriana Molder

Nesta exposição, intitulada **Copycat**, Adriana Molder mostra na Galeria Presença uma série de 8 desenhos com o mesmo nome. Estes trabalhos foram concebidos e apresentados na ala Flamenga do Museu de Arte Sacra do Funchal, na Madeira. Toda esta série de desenhos, de dimensões variáveis e a tinta da china sobre papel esquisso, foi baseada nas pinturas dos mestres Flamengos do Museu. **Copycat** ou macaco-de-imitação é o resultado dum olhar que copia e inventa a partir da cópia. Estes trabalhos agora apresentados na Galeria Presença tornam-se autónomos, propondo assim uma nova envolvência para o espectador e um novo e difícil desafio para as personagens (dos desenhos).

«Os que não sabiam de si eram jovens. chamados e esquecidos pelos deuses, celebravam núpcias secretas nas horas escurecidas em que se viam sós. E, tomados pela mudez e perda de audição de todas as imagens, era nos seus olhos sobre os nossos que encontravam meios de comunicar seus pensamentos.

(...)O modo como Adriana Molder chega a cada uma das suas imagens, partindo de uma fotografia que fragmenta a imagem original, é ainda uma etapa do mesmo processo de desvios. a artista não opõe mas faz descoincidir também, pintura e fotografia e desenho. E não é indiferente que sustente o seu trabalho nas fotografias das pinturas e não nas pinturas, em fragmentos das pinturas e não na sua totalidade, nos rostos e não nos corpos inteiros. fotografias sem valor artístico, puramente instrumentais, que fixam rostos que ganham, pelo trabalho manual, valores acrescentados — fotografias objectivas que servem à infidelidade das imagens.

Supunhamos os desenhos finais como fragmentos de pinturas que uma máquina rudimentar de registo e projecção capta e lança da superfície luminosa das tábuas coloridas para as paredes (em lugares, ângulos e alturas inesperadas), criando ecrãs foscos onde nascem figuras negras e cinza.

O que era cor reduz-se aos matizes do preto e do branco, a limpeza dura do óleo e do verniz cede ao poder de dissolução da água sobre a tinta-da-china, o que era linha desmancha-se tornando o rigor dos limites preenchidos de cor em campos de escuridão e penumbra de indecifráveis fronteiras. a firmeza dos suportes de carvalho é agora um tecido que se enrugua e que se dobra.

Segundo a artista estas obras integram um processo de imitação. nesta simples evocação cabe um universo de referências culturais, a “mimesis”. Mas a artista deseja pô-la em causa como categoria estética ou mesmo histórica, evocando uma versão que desautoriza toda a citação erudita. De facto, o título da exposição, “Copycat”, pode traduzir-se por “macaqueado de imitação”. Atenção! estamos apenas a ser enganados. Adriana Molder desvia-nos do real objectivo do seu trabalho estabelecendo ainda mais um grau de distância entre o objecto, ela mesma, o espectador, o modelo... finge imitar macaqueando quando, evidentemente, está a inventar, a usar a imitação não para se aproximar do modelo mas para se desviar dele, dos seus sentidos e atenções, para armadilhar todas as interpretações, para gerar personagens autónomas — »

João Lima Pinharanda, *Os que não sabiam de si* (excertos do texto do catálogo Copycat, a publicar)